

Preparação de informações e envolvimento da comunidade para o El Niño na região da África Oriental e Austral

SSHAP

Social Science
in Humanitarian
Action Platform

O El Niño pode ser encarado como um fenómeno de múltiplos perigos e as considerações sobre as necessidades de informação devem abranger diferentes populações e riscos, incluindo perigos diretos relacionados com o clima, redução da produção agrícola, maior insegurança alimentar e subnutrição, aumento da transmissão de doenças infecciosas e efeitos no acesso aos cuidados de saúde. As comunicações de alerta de riscos a longo e a curto prazo podem ter de incluir diferentes apelos à acção e é provável que haja diferentes níveis de urgência para esses apelos.

Este relatório de considerações fundamentais descreve as implicações do El Niño na Região da África Oriental e Austral (ESAR) para as iniciativas de Comunicação de Riscos e Envolvimento Comunitário (CREC), com base em fenómenos meteorológicos similares anteriores. As lições aprendidas são predominantemente retiradas da literatura sobre a comunicação de previsões e informações meteorológicas, mas têm implicações para a resposta de CREC de múltiplos perigos. Algumas lições aprendidas são também retiradas de fora da África Oriental e Austral, mas consideradas especificamente no âmbito dos efeitos previstos do El Niño na ESAR.

A primeira secção do relatório incide sobre as necessidades de informação, a segunda secção é sobre como garantir e criar confiança na informação, e a secção final diz respeito às estratégias de comunicação e envolvimento da comunidade. O relatório foi solicitado pelo Collective Service como um recurso para as organizações que trabalham na CREC relacionada com o El Niño na ESAR.

Considerações fundamentais

- Fornecer informações de previsão e apelos à acção e aconselhamento associados a um nível predominantemente local e suficientemente atempado para permitir que as pessoas tomem as medidas adequadas.
- Fornecer informações locais sobre as medidas que as pessoas podem tomar para se adaptarem ou protegerem. Esta informação deve basear-se nas práticas locais e na consulta das populações afetadas, e deve refletir o que é estruturalmente viável para as pessoas realizarem.
- Alinhar o fornecimento de informação planeada com as atividades multissetoriais de preparação e resposta, e assegurar a coordenação entre as agências e agentes de CREC e as organizações locais de redução do risco de desastres e gestão de perigos.
- Alinhar a provisão de recursos e informações, tanto em termos de disponibilização dos recursos necessários para as pessoas agirem, como para garantir que os recursos fornecidos reflitam as ações que as comunidades são aconselhadas a tomar.
- Cooperar na elaboração de informação científica e de produtos de previsão com as comunidades afetadas para garantir que são localmente apropriados e que levam em conta as ações locais e os conhecimentos locais existentes.
- Compreender as diversas necessidades de informação técnica das diferentes comunidades e avaliar as preferências de canais de divulgação para as informações de previsão antes de iniciar campanhas de comunicação; mapear as preferências e necessidades dos diferentes grupos com relação aos canais de divulgação; prever o fornecimento de uma estratégia multicanal.
- Formar equipas locais de CREC para interpretar e traduzir adequadamente as probabilidades de previsão meteorológica e de risco.

- Realizar avaliações de vulnerabilidade atualizadas para facilitar uma resposta adequada. A vulnerabilidade social pode mudar ao longo do tempo e em resposta a fenômenos de múltiplos perigos, como o El Niño, de modo que os dados existentes podem negligenciar mudanças críticas. Os grupos migratórios e as populações de refugiados e de pessoas deslocadas internamente (PDI) não devem ser ignoradas.
- Realizar avaliações rápidas para compreender as barreiras locais à ação e identificar interlocutores locais de confiança.
- Estabelecer sistemas de *feedback* da comunidade e de comunicação bidirecional e partilhar dados com os decisores a todos os níveis para melhorar a compreensão das preferências e necessidades locais e facilitar a adaptação da resposta ao El Niño às preocupações e percepções da comunidade.
- Identificar e envolver redes formais e informais para ajudar a melhorar a disseminação e a credibilidade das informações, incluindo os profissionais de saúde a nível comunitário.
- Envolver os agricultores e os técnicos agrícolas no planeamento participativo baseado em previsões e na tomada de decisões.
- Trabalhar com e formar jornalistas locais e meios de comunicação social para promover a compreensão pública dos efeitos locais do El Niño e das atividades de mitigação.

El Niño na ESAR

El Niño Southern Oscillation (ENSO) é uma flutuação do sistema oceano-atmosfera que tem origem no Pacífico Sul. O El Niño é a fase quente e a La Niña é a fase fria.¹ O El Niño verifica-se normalmente a cada dois a sete anos, tendo o último evento ocorrido em 2015/16. A atual estação do El Niño começou em junho de 2023 e prevê-se que persista até fevereiro de 2024.² Há cada vez mais indícios de um evento El Niño "forte", que pode ser intensificado por um efeito positivo do Dipolo do Oceano Índico este ano, que normalmente amplifica as condições mais húmidas. Os efeitos do El Niño não são consistentes nas regiões afetadas entre cada evento. Embora as anomalias climáticas gerais relacionadas com o El Niño possam ser previstas com alguma exatidão, subsiste uma incerteza considerável quanto aos efeitos exatos dos fenômenos ENSO, uma vez que podem ser difíceis de dissociar de outros fatores climáticos.³

Em partes da África Oriental, prevê-se que o El Niño crie condições mais húmidas do que o normal, com o consequente risco de inundações. Os países que correm um risco particularmente elevado entre outubro e dezembro de 2023 são o Burundi, as regiões meridionais da Etiópia, o Quênia, a Somália, o Sudão do Sul, o Ruanda, o Uganda e a República Unida da Tanzânia.³ As inundações representam uma ameaça imediata à vida e podem aumentar o risco de deslocação de populações e de perdas localizadas de colheitas e de gado que podem contribuir para a insegurança alimentar. No entanto, a precipitação acima da média pode também trazer alívio a zonas anteriormente secas, estimulando a produção agrícola.

Na África Austral, prevê-se que o El Niño crie condições mais secas do que o normal em alguns países, com Angola, Eswatini, Lesoto, Zâmbia e Zimbabué a estarem em risco particularmente elevado. Botsuana, África do Sul e Namíbia podem também estar em risco. O sul de Madagáscar e o sul da República Democrática do Congo (RDC) podem igualmente registar uma mudança para condições de seca.³ A precipitação abaixo da média significa que o El Niño é suscetível de afetar a segurança alimentar na região e, por conseguinte, condicionar o estado nutricional das populações vulneráveis. Esta situação pode ser exacerbada se a produção agrícola na África do Sul for reduzida.³

Para além dos efeitos diretos na saúde associados à insegurança alimentar e aos fenômenos meteorológicos extremos, como secas, inundações, ciclones e ondas de calor, o El Niño tem demonstrado aumentar a incidência de doenças transmitidas por vetores³, como a malária e a

febre do Vale do Rift. O El Niño também tem sido associado a aumentos na incidência de cólera e de outras doenças diarreicas, e pode aumentar a incidência de doenças transmitidas por roedores.³ Durante os fenómenos meteorológicos, a redução do acesso aos cuidados de saúde, a sobrelotação e as deslocações podem aumentar a incidência de doenças evitáveis por vacinação (especialmente tendo em conta que, na ESAR, há mais de 3,5 milhões de crianças que não foram vacinadas na infância⁴), deteriorar a saúde materna e infantil e afetar a adesão aos regimes para as pessoas que vivem com VIH ou tuberculose.³

No momentada redação do presente relatório (novembro de 2023), o atual fenómeno El Niño já tinha provocado um aumento dos casos de cólera na África Oriental³ e existem crises e vulnerabilidades na ESAR que podem ser ainda mais exacerbadas pelo El Niño ou dificultar a resposta das equipas humanitárias. Estas incluem surtos de cólera no Burundi, na RDC, na Etiópia, no Quênia, em Moçambique, em Uganda, na Zâmbia e no Zimbabué.⁵ Os conflitos armados e as deslocações estão a afetar a RDC, a Etiópia, Moçambique, o Sudão do Sul e o Sudão, sendo que muitas populações destes países já são altamente vulneráveis à insegurança alimentar. O Norte e o Oeste do Quênia continuam a enfrentar uma seca prolongada em 2023 e uma insegurança alimentar substancial já está a afetar as comunidades.² O El Niño irá provavelmente agravar as necessidades humanitárias em matéria de segurança alimentar; água, saneamento e higiene (WASH); saúde; e proteção.

Necessidades de informação

As pessoas e as comunidades suscetíveis de serem afetadas por fenómenos meteorológicos relacionados com o El Niño necessitam de ter acesso a informações de carácter predominantemente local e em tempo hábil, que respondam às necessidades técnicas dos diferentes utilizadores e que estejam orientadas para a ação (incluindo ações eficazes lideradas pelas comunidades). A natureza probabilística das previsões exige tradução e interpretação. Informações imprecisas, ou informações científicas que não estejam suficientemente transpostas para termos locais, em que a incerteza não seja devidamente comunicada, podem conduzir a uma menor confiança nessas informações ou nas suas fontes, prejudicando o envolvimento subsequente e as atividades de mitigação/resposta.

Necessidade de acesso a informação predominantemente local

O El Niño tem efeitos geográficos variados, mesmo dentro dos países e das suas sub-regiões, e os resultados meteorológicos podem também ser inconsistentes entre diferentes eventos El Niño, afetando a previsibilidade. Por conseguinte, para que as informações sobre as previsões climáticas e meteorológicas sejam úteis a nível comunitário e para permitir que as pessoas planeiem e atenuem os fenómenos meteorológicos, as informações sobre as previsões devem ser fornecidas a nível predominantemente local.⁶ Isto significa que as informações sobre as previsões devem ser geograficamente detalhadase situadas no âmbito das necessidades de comunidades locais específicas, e não apenas as previsões a nível nacional ou regional devem ter um maior alcance.

Os efeitos heterogéneos do El Niño não se relacionam apenas com a variação geográfica, mas também com as diferenças de vulnerabilidade. As estratégias de subsistência podem variar substancialmente num país ou região e, por conseguinte, as respostas/mitigações locais aos fenómenos meteorológicos e os resultados que lhes estão associados também têm de ser heterogéneos. São necessários inquéritos sobre os meios de subsistência para compreender as vulnerabilidades locais e facilitar uma resposta adaptada que leve em consideração os diferentes requisitos dos sistemas de alerta precoce.⁷ No entanto, a resposta às necessidades de informação de carácter predominantemente local deve ir além do fornecimento de informações sobre os perigos locais e as avaliações de vulnerabilidade; as necessidades de

informação técnica dos diferentes grupos devem ser levadas em conta e as previsões convertidas em informações acionáveis a nível local.

Necessidade de informação acionável

Durante o El Niño de 2015-16, muitos países não estavam suficientemente preparados para apoiar as suas populações mais vulneráveis e não converteram as previsões globais em informações passíveis de serem utilizadas a nível local.⁸

A utilidade da informação dependerá da sua adequação para apoiar diferentes necessidades técnicas, bem como diferentes geografias e vulnerabilidades. Os utilizadores da informação sobre previsões também têm necessidades diferentes. Por exemplo, um estudo de 2022 na Nigéria analisou as necessidades dos utilizadores de informações sobre o tempo e o clima em relação aos riscos de seca.⁹ As pessoas que trabalham na agricultura consideraram mais útil a informação sobre a quantidade de precipitação, as datas de início e fim da precipitação e a distribuição da precipitação. Em contrapartida, para as pessoas que gerem os recursos hídricos, as informações sobre a distribuição e a intensidade da precipitação, bem como a duração da estação seca, eram mais relevantes.⁹

Os pequenos agricultores e pastores, que podem ser particularmente vulneráveis aos meios de subsistência, ao gado e, por conseguinte, às consequências nutricionais dos riscos relacionados com o El Niño, necessitam de informações específicas que vão para além das informações meteorológicas e climáticas. As previsões devem ser acompanhadas de aconselhamento para facilitar a tomada de decisões informadas sobre as atividades agrícolas e de pastoreio.¹⁰ Por exemplo, um estudo de 2019 examinou o acesso à informação climática por parte das comunidades rurais afetadas pela seca induzida pelo El Niño em 2015-16 na Etiópia e na Nicarágua. O estudo concluiu que os conselhos práticos eram essenciais para a tomada de decisões de resistência à seca. Na Etiópia, a informação sobre as variedades de culturas, o calendário de colheitas e as técnicas de preparação da terra contribuíram para que uma proporção substancial dos inquiridos do estudo alterasse a época de plantação.¹¹ Os agricultores e os técnicos agrícolas devem ser envolvidos na tomada de decisões participativas com base em previsões, em especial devido à imprevisibilidade das previsões,¹² que requerem uma comunicação clara sobre a incerteza, bem como um fluxo de informação contínuo.¹¹

Necessidade de tradução de informações incertas e probabilísticas

Vários estudos demonstraram que os decisores ao nível do agregado familiar podem ter dificuldades em interpretar a natureza técnica ou probabilística das previsões e podem beneficiar de assistência na interpretação da informação no contexto das suas próprias necessidades e na sua tradução para as ações necessárias.¹²

A comunicação da incerteza exige, por conseguinte, que os comunicadores do risco sejam formados para interpretar e traduzir as probabilidades das previsões. Um estudo de 2017 no Botsuana relatou que os comunicadores de risco locais compreendiam o seu público e, por conseguinte, eram capazes de traduzir o risco e a incerteza em terminologia localmente apropriada, o que ajudou a preencher a lacuna entre o jargão científico e a terminologia local.¹³

Necessidade de informação atempada

O fornecimento de informações de alerta em tempo hábil facilita a ação e a tomada de decisões adequadas. Uma análise sistemática de 2019 examinou as necessidades dos utilizadores em matéria de serviços meteorológicos e climáticos na África Subsariana.¹⁰ A análise concluiu que a informação atempada e a orientação prática ajudaram a aumentar o rendimento das colheitas dos agricultores arvenses. Os agricultores também tiveram tempo suficiente para se envolverem em atividades de mitigação (por exemplo, a compra de fungicidas ou pesticidas), bem como para tomarem decisões que salvam vidas (por exemplo, evitar áreas

de inundação ou relâmpagos). As informações devem ser fornecidas com antecedência suficiente para que as pessoas tenham tempo de tomar as medidas adequadas. O não fornecimento atempado de informações pode afetar a credibilidade das fontes e reduzir a eficácia das comunicações.¹³

Do mesmo modo, é importante que as respostas aos fenómenos meteorológicos sejam oportunas. Na Etiópia, uma investigação conduzida com comunidades afetadas pela seca revelou que o alívio da seca chegou demasiado tarde para algumas pessoas. Estas pessoas referiram que tiveram de migrar em busca de alimentos ou de pasto para o gado, ou de aceitar trabalho ocasional para pagar a alimentação.¹¹

Garantir e construir confiança na informação

Garantir que os alertas são corretamente recebidos, compreendidos e postos em prática exige sistemas de alerta precoce centrados nas pessoas e o desenvolvimento colaborativo de planos de gestão de riscos. Os sistemas de alerta precoce centrados nas pessoas devem considerar sistematicamente todas as componentes de um sistema de alerta de riscos, incluindo os desafios que os diferentes grupos podem enfrentar na implementação de medidas de proteção ou na concretização de ações em resposta aos perigos.¹⁴ Os pormenores específicos dos sistemas de alerta precoce centrados nas pessoas e o desenvolvimento colaborativo de planos de gestão de riscos variam de acordo com o perigo, a localização e a capacidade de resposta. No entanto, em geral, a adoção de uma abordagem de colaboração para o desenvolvimento de sistemas de alerta (precoce) pode ajudar a criar confiança nos produtos de informação e nos planos de resposta ou mitigação; estimular uma maior confiança nos dados e comunicações; e garantir que as medidas de preparação e resposta aos alertas sejam localmente viáveis.¹⁵

A confiança nas informações de previsão de qualquer tipo pode diminuir quando estas são incorretamente calendarizadas ou devido aos desafios de interpretação das informações probabilísticas. Também pode ser afetada pela natureza vertical do fornecimento de informações, pela falta de interação entre os cientistas/responsáveis pela avaliação dos riscos e as comunidades ou os agricultores, e pela inexistência de mecanismos de proteção social disponíveis em muitos locais quando as previsões falham.¹⁶ O fornecimento de recursos e informações necessita, portanto, de ser devidamente coordenado e alinhado, e condicionado pelo *feedback* da comunidade. Na prática, isto significa que é necessário fornecer às pessoas os recursos para agirem e que os recursos fornecidos reflitam as ações que as comunidades são aconselhadas a tomar. Por exemplo, um estudo de 2023 no Zimbabué referiu que os informadores-chave expressaram frustração com o fornecimento contínuo de sementes intolerantes à seca e com a forma como isto divergia dos conselhos transmitidos às comunidades.¹⁷

A produção conjunta de produtos de informação científica, como as previsões, e uma comunicação genuína nos dois sentidos são, por conseguinte, essenciais para garantir que a informação é adequada ao objetivo e está bem alinhada com as necessidades locais e outras atividades de resposta, e podem ajudar a criar confiança.¹²

A confiança pode também ser reforçada através da colaboração com organizações de “fronteira” que tenham um profundo conhecimento local. Estas organizações podem ajudar a converter as previsões em ações, bem como facilitar o acesso nos casos em que tal seja difícil. No Corno de África, exemplos de tais organizações incluem a Somalia Water and Land Information Management (SWALIM), a Food Security and Nutrition Analysis Unit - Somalia (FSNAU - Somalia), a Famine Early Warning Systems Network (FEWSNET) na Somália, o Kenya Meteorological Department e o Red Cross Red Crescent Climate Centre no Quênia.¹²

Trabalhar com interlocutores locais de confiança pode ajudar a preencher as “lacunas de confiança”, mas é importante ter em conta as histórias políticas e sociais locais ao determinar

quem pode ser de confiança ao nível da comunidade. Num estudo realizado em 2023 no Zimbabué, os interlocutores de confiança eram os que se consideravam mais distantes do partidarismo político, sugerindo que os funcionários do governo podiam não ser considerados uma fonte credível de informação.¹⁷ Apesar desta constatação, os participantes no estudo confiavam amplamente nos trabalhadores da extensão agrícola, apesar da sua proximidade com o governo, especialmente quando tinham boas relações com as comunidades locais. O mesmo estudo concluiu que a confiança é dinâmica, tanto no tempo como no espaço, e em termos das fontes em que se confiava para fornecer diferentes tipos de informação. Por exemplo, a autoridade local da água no Zimbabué não era considerada credível nas suas explicações sobre a causa da escassez de água porque se pensava que a organização estava relutante em aceitar a responsabilidade por essa escassez. No entanto, era mais confiável para fornecer aconselhamento sobre como responder à escassez de água.

As atividades de resposta também requerem apropriação local, particularmente quando a distribuição de recursos escassos (por exemplo, sementes resistentes à seca ou transferências de dinheiro) é uma componente das atividades de resposta. No Zimbabué, a Cruz Vermelha ajudou a garantir a apropriação local das atividades de resposta à seca através da validação e verificação dos pedidos de apoio, da realização de atividades de envolvimento e participação da comunidade, do estabelecimento de um mecanismo de denúncia e da monitorização e avaliação contínuas.¹⁸ Durante o El Niño de 2015-16, o Southern Africa Regional Technical Cash Working Group (SARTCWG) destacou a importância das transferências de dinheiro para a resposta à seca na região e identificou lições fundamentais. Estas lições incluíram a importância do envolvimento da comunidade na conceção do programa, particularmente para garantir a equidade da distribuição durante as crises que podem alterar substancialmente o perfil das pessoas consideradas vulneráveis ou suscetíveis de recorrer a programas de transferência de dinheiro. A organização também destacou a importância do envolvimento da comunidade para garantir a equidade na tomada de decisões sobre a utilização do dinheiro a nível do agregado familiar.¹⁹

Estratégias de comunicação e de envolvimento da comunidade

O envolvimento da comunidade é necessário para a informação e conceção do programa, bem como para o estabelecimento de uma comunicação bidirecional genuína ou de sistemas de *feedback* da comunidade. Para facilitar o envolvimento da comunidade, é importante trabalhar com pessoal local da CREC que compreenda as suas comunidades e possa traduzir o risco em termos localmente apropriados.¹³

Antes de iniciar as campanhas de comunicação dos riscos, devem ser consideradas avaliações adequadas dos conhecimentos locais utilizando os dados existentes (sempre que estes sejam suficientemente atualizados). Isto porque as atividades de sensibilização generalizadas podem não ser uma boa utilização dos recursos, como mostram os exemplos seguintes. Um estudo de 2015 na Etiópia analisou os fatores que afetam as estratégias de adaptação ao clima e constatou que os fatores estruturais, como a escassez de terras ou a falta de acesso a dinheiro ou crédito, eram mais frequentemente citados do que a falta de acesso à informação.²⁰ Da mesma forma, um estudo de 2023 no Quénia Ocidental examinou os impactos das alterações climáticas relacionados com WASH e concluiu que o conhecimento dos riscos de doenças infecciosas e das práticas de adaptação adequadas era satisfatório, enquanto a capacidade de adaptação era limitada pelo acesso aos recursos.²¹ Os mecanismos de *feedback* da comunidade podem ajudar a identificar lacunas críticas de conhecimento local e barreiras locais significativas à ação adaptativa. Esta informação deve ser utilizada juntamente com a informação recolhida através de avaliações para compreender os níveis locais de confiança nas instituições governamentais, nas diferentes organizações de resposta e nas fontes de informação. Esta informação é fundamental para determinar as estratégias locais mais eficazes de CREC baseadas em evidências .

Preparação de informações e envolvimento da comunidade para o El Niño na região da África Oriental e Austral, novembro de 2023. <http://www.doi.org/10.19088/SSHAP.2023.031>

Hana Rohan – hanasrohan@gmail.com

Social Science in Humanitarian Action Platform

Tendo em conta as barreiras estruturais à ação e a natureza comunitária de muitas opções de resposta a fenómenos meteorológicos e climáticos, alguns autores salientaram as limitações de uma abordagem individualizada e vertical das intervenções de comunicação para a mudança de comportamentos.¹⁷ Num estudo de 2021 realizado na África do Sul, a estrutura das redes sociais afetou a capacidade das agências governamentais locais para gerir o risco de inundações, com laços sociais fracos a afetar a troca de conhecimentos e a governação do risco de inundações, e laços sociais fortes a facilitar a coesão entre os diferentes intervenientes, a melhorar a troca de conhecimentos e a governação do risco de inundações.²² Além disso, o fornecimento de boa informação não é, por si só, suficiente para apoiar a aplicação de estratégias de redução dos riscos.²³ Isto deve-se ao facto de, a par dos obstáculos estruturais à ação, os fenómenos climáticos e meteorológicos poderem ter efeitos psicossociais com consequências para a perceção de autoeficácia das pessoas, o que, por sua vez, pode limitar a sua capacidade de ação.¹⁷

Apesar das limitações inerentes ao fornecimento de informação por si só, os estudos sugerem que a informação sobre previsões não está prontamente disponível para aqueles que dela necessitam, com grandes percentagens de inquiridos a confiarem nos conhecimentos meteorológicos indígenas. Isto deve-se em parte à falta de acesso à informação científica.²⁴ A melhoria do acesso à informação científica deve ser combinada com os conhecimentos locais, os indicadores tradicionais e as previsões. Há um consenso generalizado de que as previsões devem basear-se no impacto²⁵ e estar vinculadas à ação.²⁶ Os conhecimentos locais e as estratégias de adaptação devem complementar os dados científicos para informar as estratégias de resposta aos fenómenos meteorológicos.²⁷ As mensagens sobre as respostas de adaptação e as estratégias de mitigação devem, por conseguinte, ser integradas nas práticas locais existentes e refletir as ações que são estruturalmente viáveis para as populações afetadas.

A resposta comunitária deve ter como objetivo realizar um trabalho participativo que vá além da conscientização ou das abordagens clássicas de comunicação para a mudança de comportamentos. A capacidade de efetuar este trabalho participativo pode ser limitada pela ausência de departamentos de comunicação estabelecidos nos ministérios governamentais relevantes. Por exemplo, no Malawi, as comunicações sobre eventos meteorológicos ou climáticos são dirigidas por meteorologistas e não por especialistas em comunicação. A capacitação dos parceiros pode, portanto, exigir esforços e recursos adicionais, e pode implicar maiores desafios na adoção de uma abordagem participativa na conceção de produtos de comunicação ou informação.²⁸ Além disso, os especialistas em CREC estão muitas vezes “alojados” nos ministérios da saúde e têm ligações formais limitadas aos mecanismos de coordenação da gestão de catástrofes. O desenvolvimento de alertas de múltiplos perigos ligados a resultados e ações sectoriais específicas também podem ser mais difíceis em contextos em que a capacidade de comunicação de riscos do governo ocorre de maneira isolada ou é limitada.

Em situações em que a capacidade de comunicação meteorológica é limitada, pode ser importante trabalhar com e formar jornalistas e organizações de meios de comunicação para ajudar a desenvolver a compreensão pública dos efeitos prováveis do El Niño e das estratégias de mitigação localmente adequadas. Estes esforços são particularmente importantes dada a tendência dos meios de comunicação social de “perderem o interesse” em noticiar o El Niño ou outros fenómenos climáticos fora de situações extremas.⁶ Trabalhar com e através de organizações locais de meios de comunicação social também pode ajudar a garantir que as comunicações de risco são devidamente adaptadas às necessidades linguísticas locais, embora se deva ter em consideração a comunicação com populações com baixos níveis de literacia.¹³ A **série ESAR RCCE Media Dialogue series e Media Cafés** representam oportunidades para estabelecer contactos entre jornalistas e especialistas, para partilhar e abordar as preocupações da comunidade e para ajudar a fechar o ciclo de *feedback*, fornecendo respostas adequadas aos jornalistas.

Preparação de informações e envolvimento da comunidade para o El Niño na região da África Oriental e Austral, novembro de 2023. <http://www.doi.org/10.19088/SSHAP.2023.031>

Hana Rohan – hanasrohan@gmail.com

Social Science in Humanitarian Action Platform

Produtos de gestão da informação bem concebidos, tais como infografias e mapas, podem facilitar a tomada de decisões, bem como a coordenação dos parceiros.²⁹ Os mapas podem ser úteis sobretudo quando as pessoas têm acesso à Internet e estão familiarizadas com a interpretação da informação nesse formato. No entanto, tal como a maioria dos produtos de alerta precoce, os mapas têm de ser fornecidos a um nível suficientemente local, devem estar vinculados a ações e, idealmente, devem ser produzidos em conjunto com as comunidades em risco ou afetadas.²⁶

A produção conjunta de informação científica e de planos de resposta entre produtores e utilizadores de informação pode ajudar a garantir que as estratégias de mitigação e resposta são localmente apropriadas e levem em consideração os sistemas de conhecimento indígenas.¹² O Departamento Meteorológico do Quênia trabalhou com agricultores locais para incorporar os seus indicadores de previsão indígenas em previsões climáticas localmente adaptadas e codesenvolver estratégias de resposta agrícola apropriadas.³⁰ A produção conjunta requer mecanismos de *feedback* da comunidade funcionais, significativos e bidirecionais, em que os membros da comunidade possam ver provas de que o seu *feedback* resulta em alterações aos programas. Por exemplo, um programa de transferência de renda na Suazilândia e no Malawi durante o último evento El Niño concluiu que a utilização de um número de telefone gratuito era mais eficaz do que outros mecanismos de *feedback*, com os utilizadores a citarem esta preferência devido a preocupações com a privacidade.¹⁹ As preferências dos canais para o *feedback* da comunidade podem variar substancialmente entre países e dentro de cada país, e devem ser determinadas com base nos conhecimentos e avaliações locais.

Canais de comunicação

As estratégias de comunicação devem adotar abordagens multicanais que sejam sensíveis às barreiras locais de acesso à informação, incluindo a cobertura das telecomunicações, a literacia, a língua e a vulnerabilidade social. A identificação dos canais de comunicação adequados para o fornecimento de comunicações de risco ou informações de alerta requer uma análise cuidadosa. A utilização de canais inadequados pode afetar a aceitação da comunicação do risco e das mensagens de mitigação.¹³ As populações rurais e os agricultores podem não ter acesso à televisão ou a *smartphones*,³¹ pelo que é provável que seja necessária uma estratégia multicanal para garantir que a vulnerabilidade às condições meteorológicas e climáticas não é exacerbada pelo acesso reduzido à informação.¹³

É importante mapear as formas como os diferentes grupos acedem à informação sobre as previsões para facilitar a seleção adequada dos canais, particularmente porque a forma como as pessoas se envolvem com a informação sobre o clima pode ser diferente da de outros tópicos. Um estudo no Zimbabué concluiu que, apesar do acesso generalizado a telefones, era mais provável que as pessoas confiassem na rádio para obter informações sobre o clima do que para outros tópicos, em que os telemóveis eram mais comuns.³²

Na ausência de tempo ou recursos para efetuar um exercício de mapeamento de canais, os dados existentes podem fornecer uma indicação das preferências de canais. Por exemplo, uma análise sistemática publicada em 2020 sobre as necessidades de comunicação para os serviços meteorológicos e climáticos na África Subsariana concluiu que os agricultores mostraram uma forte preferência pela rádio e que as preferências de canais de comunicação eram amplamente consistentes entre os diferentes grupos de agricultores.²⁵ A análise também concluiu que as decisões agrícolas eram positivamente afetadas pela tradução de informações relevantes para as línguas locais, transmissão de informações de previsão através de telemóveis, transmissão de mensagens de rádio usando estações de rádio locais e não apenas nacionais, e assegurando que as transmissões destinadas aos agricultores eram programadas em função das atividades agrícolas.²⁵ Embora a rádio possa ser um canal preferido em alguns contextos e para determinados grupos, a rádio nacional raramente disponibiliza detalhes

baseados na especificidade do local ou muita adaptação às necessidades dos utilizadores finais.³³ O envolvimento de estações de rádio comunitárias pode ajudar a compensar isto, assegurando uma abordagem baseada no diálogo a nível predominantemente local.³⁴

A rádio e as SMS dos telemóveis são exemplos de instrumentos e canais dinâmicos que podem ser mais adequados aos fenómenos em rápida mutação que podem estar associados a eventos meteorológicos, em comparação com instrumentos estáticos, como os cartazes. A crescente implantação dos telemóveis cria oportunidades para fornecer a informação de carácter predominantemente local que é necessária. Nos casos em que a utilização de *smartphones* é reduzida, esta informação pode ser fornecida a telemóveis com recurso a SMS ou a uma resposta vocal interativa (IVR). Quando os *smartphones* são acessíveis, mas a literacia é baixa, a transmissão de mensagens de voz nas línguas locais (por exemplo, através do WhatsApp ou utilizando sistemas IVR) é de grande valor.^{13,25,35}

O envolvimento com redes formais e informais para atividades de comunicação de riscos pode ajudar na divulgação, especialmente para grupos com baixa literacia ou outras barreiras ao acesso a canais mais formais. Um estudo realizado no Botsuana concluiu que a maioria dos inquiridos citou a *kgotla* (reuniões tradicionais da aldeia que proporcionam um espaço para comunicações bidirecionais) como a sua principal fonte credível de informação sobre o clima.¹³ As organizações de agricultores devem ser aproveitadas como forma de divulgar informação e recolher o *feedback* da comunidade, trabalhando em parceria com grupos que já estabeleceram relações com esse tipo de organizações.²⁵ Do mesmo modo, os profissionais de saúde também devem desempenhar um papel importante, com vacinadores e trabalhadores comunitários de saúde formados para divulgar informação integrada em atividades de promoção da saúde baseadas na comunidade.

Pode ser útil mapear ou identificar os comités de gestão das aldeias e os comités distritais de gestão de catástrofes ou os seus equivalentes locais, e trabalhar em parceria com estas e outras estruturas de redução do risco de catástrofes.¹³ Trabalhar em parceria com as agências de redução do risco de catástrofes pode ser útil para a CREC e para as atividades de resposta.³⁶ Alcançar os grupos vulneráveis pode exigir uma identificação mais pormenorizada dos grupos e redes informais relevantes, tais como as organizações de mulheres ou as que apoiam os grupos vulneráveis (por exemplo, pessoas que vivem com VIH e SIDA ou pessoas que vivem com deficiências).

Vulnerabilidade durante os fenómenos meteorológicos e climáticos

As diferentes vulnerabilidades podem interligar-se e afetar a tomada de decisões de forma imprevisível, pelo que as intervenções exigirão provavelmente uma resposta multisectorial aos riscos.⁶ As intervenções de resposta podem ter de incluir a resposta a catástrofes, apoio monetário, instalação de depósitos, fornecimento de bancos alimentares, presença consistente de camiões de água e apoio ao acesso contínuo a cuidados de saúde. Os requisitos de coordenação complexos associados a uma resposta a múltiplos perigos significam que os sistemas de *feedback* da comunidade devem ser alargados para garantir que as perspetivas sobre os efeitos do El Niño que vão para além da saúde sejam recolhidas, divulgadas aos decisores multisectoriais e respondidas de forma coordenada. As intervenções da CREC devem, portanto, ser planeadas em parceria com toda a cadeia de organizações de resposta, para facilitar a sinalização dos serviços e garantir uma resposta coesa.

A vulnerabilidade ao El Niño é complexa e intersecta a vulnerabilidade geográfica e social de formas imprevisíveis que podem mudar ao longo do tempo. Confiar em avaliações de vulnerabilidade anteriores pode fornecer uma imagem incompleta ou imprecisa de onde a necessidade atual é maior.^{7,12,15,37} Nos casos em que já existem programas de proteção social, estes precisam de tempo para se adaptarem às informações de previsão e identificarem potenciais beneficiários e vulnerabilidades, e para considerarem a expansão dos canais de distribuição de qualquer apoio que possa ser oferecido.¹² A vulnerabilidade social pode ser

Preparação de informações e envolvimento da comunidade para o El Niño na região da África Oriental e Austral, novembro de 2023. <http://www.doi.org/10.19088/SSHAP.2023.031>

Hana Rohan – hanasrohan@gmail.com

Social Science in Humanitarian Action Platform

mais difícil de identificar do que a vulnerabilidade geográfica e requer um conhecimento local aprofundado (e, por conseguinte, uma abordagem participativa).¹⁵ Além disso, existem algumas evidências de que os responsáveis pela resposta humanitária relataram uma falta de acesso a informações sobre as comunidades vulneráveis, o que sugere que as informações sobre os seus perfis, necessidades e localizações têm de ser urgentemente atualizadas e analisadas em conjunto com dados de risco, tais como mapas de risco de inundações.²⁵

Há grupos específicos que podem ser mais vulneráveis durante os fenómenos meteorológicos. As mulheres, as pessoas que vivem com o VIH, as pessoas com menos experiência prévia de fenómenos meteorológicos semelhantes, as pessoas de comunidades linguísticas minoritárias e as pessoas que atravessam outras crises humanitárias são especialmente vulneráveis e podem ser ignoradas pelas campanhas de divulgação dos meios de comunicação social. A literatura disponível sobre as necessidades específicas de informação dos grupos mais vulneráveis durante os fenómenos meteorológicos e climáticos, como os refugiados, os deslocados internos, as pessoas com deficiência ou as pessoas com VIH, é limitada. São necessários planos de comunicação, de envolvimento da comunidade e de resposta específicos para estes grupos.

As mulheres podem ter menos capacidade de aceder a informações sobre previsões ou alertas devido a um menor acesso à tecnologia e/ou a níveis mais baixos de literacia. Durante o planeamento da acessibilidade ou da disseminação das comunicações de risco, deve ser prestada especial atenção à forma de envolver as mulheres mais eficazmente,²⁵ de modo a não desfavorecer ainda mais as agricultoras ou as pequenas produtoras.

São também necessárias análises sensíveis ao género para garantir uma atribuição equitativa dos meios de resposta, especialmente quando estes incluem transferências de dinheiro a nível do agregado familiar que podem ter consequências para a tomada de decisões a nível doméstico.¹⁹

Os refugiados e as pessoas deslocadas internamente podem estar mais expostos a condições meteorológicas extremas e ser menos capazes de tomar medidas para as enfrentar ou se adaptar. As pessoas portadoras de deficiência podem ser mais vulneráveis à insegurança alimentar, ter menos capacidade de escapar dos perigos ou de evacuar quando tal for necessário. Podem também ter mais dificuldades em aceder às necessidades básicas e podem perder o acesso a tecnologias de assistência, como medicamentos ou aparelhos auditivos e de mobilidade.^{38,39} As pessoas que vivem com VIH/SIDA provenientes de meios socioeconómicos mais baixos são mais vulneráveis a alterações na segurança alimentar, pelo que podem ser mais afetadas pela escassez ou pelo aumento dos preços dos alimentos.⁸ Do mesmo modo, as pessoas que vivem com VIH/SIDA podem estar em maior risco de contrair doenças transmitidas pela água que aumentam de prevalência durante as inundações ou a seca.³⁷ É provável que este grupo tenha vulnerabilidades concorrentes, o que pode criar uma tensão entre decisões críticas que podem manter a saúde e o bem-estar, como prescindir de cuidados de saúde em favor da manutenção de um meio de subsistência.⁴⁰ As intervenções de comunicação para pessoas que vivem com VIH/SIDA podem ter de ser determinadas em parceria com organizações de apoio locais que, por sua vez, podem necessitar de recursos adicionais para expandir a natureza e o tipo de apoio que disponibilizam durante os impactos relacionados com o El Niño.

Os efeitos do El Niño podem ser imprevisíveis e mudar entre eventos. As comunidades com pouca experiência prévia de inundações ou secas, tais como àquelas recém-construídas em locais de alto risco, são suscetíveis de ter uma perceção de risco reduzida para acontecimentos relacionados com o El Niño.¹² Poderá ser necessário identificar estas comunidades e confrontar a informação sobre as suas localizações com dados atualizados sobre previsões e riscos para identificar as populações mais vulneráveis..

Os planos de comunicação de riscos devem contemplar as comunidades linguísticas minoritárias.¹⁷ Estas comunidades podem, de outro modo, sofrer de desigualdade de informação e de maior vulnerabilidade aos riscos meteorológicos e às suas consequências.

As pessoas que atravessam crises humanitárias são, por natureza, mais vulneráveis durante os fenómenos meteorológicos. A sua vulnerabilidade pode aumentar devido ao acesso reduzido a recursos, a infraestruturas habitacionais menos robustas e a uma maior insegurança alimentar, fatores que podem ser agravados por uma menor capacidade de agir em resposta a alertas ou outras informações de comunicação de riscos. Os fenómenos relacionados com o El Niño podem aumentar as necessidades humanitárias destas comunidades, pelo que os planos de CREC devem considerar especialmente a sua situação.¹⁷

Recursos adicionais

Kit Temático do Evento El Niño – O Collective Service compilou documentação e produtos fundamentais desenvolvidos por parceiros para apoiar o envolvimento da comunidade na preparação para o evento El Niño e na resposta a emergências de saúde pública relacionadas.

Referências

1. World Health Organization & World Meteorological Organization. (2016). *Health and the El Niño Southern Oscillation (ENSO)*. WHO/WMO Climate and Health Office. https://ane4bf-datap1.s3-eu-west-1.amazonaws.com/wmocms/s3fs-public/news/related_docs/WHO-WMO_EL-NINO_FACTSHEET_FINAL%20%281%29.pdf
2. ACAPS. (2023). *El Niño Overview: Anticipated humanitarian impact in 2023*. https://www.acaps.org/fileadmin/Data_Product/Main_media/20230725_ACAPS_Thematic_report_El_Nino_overview_anticipated_humanitarian_impact_in_2023.pdf
3. World Health Organization. (2023). *Public Health Situation Analysis—El Niño (October-December 2023)*. https://cdn.who.int/media/docs/default-source/2021-dha-docs/phsa-el-nino-2023_final_na.pdf?sfvrsn=5320f5cd_3&download=true
4. United Nations Children's Fund. (2023). *The state of the world's children 2023: For every child, vaccination*. UNICEF Innocenti – Global Office of Research and Foresight. <https://www.unicef.org/media/108161/file/SOWC-2023-full-report-English.pdf>
5. European CDC. (2023). *Cholera Worldwide Overview: Monthly Update as of September 2023*. <https://www.ecdc.europa.eu/en/all-topics-z/cholera/surveillance-and-disease-data/cholera-monthly#:~:text=Since%201%20January%202023%20and,914%20deaths%2C%20were%20reported%20worldwide.>
6. Glantz, M. H. (2000). *Lessons Learned from the 1997–98 El Niño: Once Burned, Twice Shy?*
7. Baudoin, M.-A., Henly-Shepard, S., Fernando, N., Sitati, A., & Zommers, Z. (2016). From top-down to “community-centric” approaches to early warning systems: Exploring pathways to improve disaster risk reduction through community participation. *International Journal of Disaster Risk Science*, 7, 163–174.
8. Benkenstein, A. (2017). *Climate change adaptation readiness: Lessons from the 2015/2016 El Niño for climate Readiness in Southern Africa*.
9. Awolala, D. O., Mutemi, J., Adefisan, E., Antwi-Agyei, P., & Taylor, A. (2022). Profiling User Needs for Weather and Climate Information in Fostering Drought Risk Preparedness in Central-Southern Nigeria. *Frontiers in Climate*, 4, 787605.
10. Nkiaka, E., Taylor, A., Dougill, A. J., Antwi-Agyei, P., Fournier, N., Bosire, E. N., Konte, O., Lawal, K. A., Mutai, B., Mwangi, E., Ticehurst, H., Toure, A., & Warnaars, T. (2019). Identifying user needs for weather and climate services to enhance resilience to climate shocks in sub-Saharan Africa. *Environmental Research Letters*, 14(12), 13. <https://doi.org/10.1088/1748-9326/ab4dfe>
11. Ewbank, R., Perez, C., Cornish, H., Worku, M., & Woldetsadik, S. (2019). Building resilience to El Niño-related drought: Experiences in early warning and early action from Nicaragua and Ethiopia. *Disasters*, 43(S3), S345–S367. <https://doi.org/10.1111/disa.12340>
12. Tozier de la Poterie, A. S., Jemba, W. E., Singh, R., Coughlan de Perez, E., Costella, C. V., & Arrighi, J. (2018). Understanding the use of 2015–2016 El Niño forecasts in shaping early humanitarian action in Eastern and Southern Africa. *International Journal of Disaster Risk Reduction*, 30, 81–94. <https://doi.org/10.1016/j.ijdr.2018.02.025>
13. Thakadu, O. T., Kolawole, O. D., Sommer, C., Mthombeni, N., & Dithlakeng, P. (2017). Flood Risk Communication within Flood Prone Communities of the Okavango Delta, Botswana. *Botswana Notes and Records*, 49, 87–105. JSTOR. <https://www.jstor-org.proxy.library.georgetown.edu/stable/90024336>
14. United Nations Office for Disaster Risk Reduction. (2023, June 12). *A human-centred understanding of disaster risk*. <https://www.undrr.org/news/human-centred-understanding-disaster-risk#:~:text=People%2Dcentred%20early%20warning%20systems,the%20face%20of%20a%20hazard.>
15. UNESCO. (2023). *Best practices on flood and drought risk management*. UNESCO. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000384487>
16. Baudoin, M. A., & Wolde-Georgis, T. (2015). Disaster Risk Reduction Efforts in the Greater Horn of Africa. *International Journal of Disaster Risk Science*, 6(1), 49–61. <https://doi.org/10.1007/s13753-015-0041-x>

Preparação de informações e envolvimento da comunidade para o El Niño na região da África Oriental e Austral, novembro de 2023. <http://www.doi.org/10.19088/SSHAP.2023.031>

Hana Rohan – hanasrohan@gmail.com

Social Science in Humanitarian Action Platform

17. Diepeveen, Stephanie, Filer, Tanya, Czibor, Eszter, Ganduri, Tendai, & Molana-Allen, Leila. (2023). *Silent Crisis: Information, Decision-making, and communities on the frontlines of climate change*. Internews, State-Up.
18. Zimbabwe Red Cross. (2022). *Community Engagement and Accountability Case Study: Zimbabwe Red Cross Leveraging Community Feedback to Enhance Public Health and Drought responses*. IFRC.
19. Southern Africa Regional Technical Cash Working Group. (2018). *Synthesis of lessons from the El Nino Response: Cash Transfers Lessons Learnt in Southern Africa*.
<https://www.humanitarianresponse.info/sites/www.humanitarianresponse.info/files/2019/04/SARTWG-Synthesis-of-Lessons-from-El-Nino-Response-in-Southern-Africa-%281%29.pdf>
20. Melka, Y., Kassa, H., Ketema, M., Abebaw, D., & Schmiedel, U. (2015). The effect of drought risk perception on local people coping decisions in the Central Rift Valley of Ethiopia. *Journal of Development and Agricultural Economics*, 7(9), 292–302.
21. Marcus, H., Muga, R., & Hodgins, S. (2023). Climate adaptation and WASH behavior change in the Lake Victoria Basin. *Journal of Water, Sanitation and Hygiene for Development*, 13(3), 174–186.
22. Bouwer, R., Pasquini, L., & Baudoin, M. A. (2021). Breaking down the silos: Building resilience through cohesive and collaborative social networks. *Environmental Development*, 39, 12. <https://doi.org/10.1016/j.envdev.2021.100646>
23. Baudoin, M.-A., Vogel, C., Nortje, K., & Naik, M. (2017). Living with drought in South Africa: Lessons learnt from the recent El Niño drought period. *International Journal of Disaster Risk Reduction*, 23, 128–137. <https://doi.org/10.1016/j.ijdr.2017.05.005>
24. Radeny, M., Desalegn, A., Mubiru, D., Kyazze, F., Mahoo, H., Recha, J., Kimeli, P., & Solomon, D. (2019). Indigenous knowledge for seasonal weather and climate forecasting across East Africa. *Climatic Change*, 156, 509–526.
25. Nkiaka, E., Taylor, A., Dougill, A. J., Antwi-Agyei, P., Adefisan, E. A., Ahiataku, M. A., Baffour-Ata, F., Fournier, N., Indasi, V. S., Konte, O., Lawal, K. A., & Toure, A. (2020). Exploring the Need for Developing Impact-Based Forecasting in West Africa. *Frontiers in Climate*, 2, 13. <https://doi.org/10.3389/fclim.2020.565500>
26. Dransch, D., Rotzoll, H., & Poser, K. (2010). The contribution of maps to the challenges of risk communication to the public. *International Journal of Digital Earth*, 3(3), 292–311.
27. Kupika, O. L., Gandiwa, E., Nhamo, G., & Kativu, S. (2019). Local ecological knowledge on climate change and ecosystem-based adaptation strategies promote resilience in the Middle Zambezi Biosphere Reserve, Zimbabwe. *Scientifica*, 2019.
28. Chirwa, J. A. (2023). The Challenge of Doing Participatory Communication in Disaster Risk Reduction in Malawi. *Global Media Journal*, 21(63), 1–11.
29. Logistics Cluster. (2018). *Ethiopia El Nino Drought Response: Lessons Learned*. https://s3.eu-west-1.amazonaws.com/logcluster-production-files/public/ethiopia_lessons_learned_v3_web_format.pdf
https://s3.eu-west-1.amazonaws.com/logcluster-production-files/public/ethiopia_lessons_learned_v3_web_format.pdf
30. Ndegwa, W., Rao, K. P. C., Ngugi, R. K., & Kwenya, K. (2010). Kenya: Improving farmer adaptive capacity by integrating local and indigenous knowledge in climate forecasting and adaptive response. *Adaptation Insights: Addressing Climate Change Adaptation in Africa through Participatory Action Research; November 2010, No. 4*.
31. Baudoin, M.-A., & Wolde-Georgis, T. (2015). Disaster risk reduction efforts in the Greater Horn of Africa. *International Journal of Disaster Risk Science*, 6(1), 49–61. <https://doi.org/10.1007/s13753-015-0041-x>
32. Ndhlovu, M. P., & Mpofu, T. (2016). Communal farming, climate change adaptation and the media in Zimbabwe. *Jàmá: Journal of Disaster Risk Studies*, 8(3), 1–10.
33. van der Burgt, F., van Pelt, S., & Lobbrecht, A. (2018). Mobile weather services for small-scale farmers. *Weather Impact*, 20.
34. Bisht, H., & Ahluwalia, N. (2015). *Community radios and climate change communication: Mapping grassroots experiences of the 'Shubh Kal' Project in Bundelkhand, Central India*. Delhi: Development Alternatives.
35. Rasmussen, L. V., Mertz, O., Rasmussen, K., & Nieto, H. (2015). Improving how meteorological information is used by pastoralists through adequate communication tools. *Journal of Arid Environments*, 121, 52–58.
<https://doi.org/10.1016/j.jaridenv.2015.05.001>
36. UNICEF, The Collective Service, CDAC-Network, US-CDC, IFRC, & WHO. (2022). *Community Engagement in Humanitarian Action Toolkit*. https://f1f3fd98-1954-4933-a571-aa7a828ed7ae.usrfiles.com/ugd/f1f3fd_fe5800a4a2c34a00bbc7a1862b9025b6.pdf
37. Orievulu, K. S., & Iwuji, C. C. (2022). Institutional Responses to Drought in a High HIV Prevalence Setting in Rural South Africa. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(1), 434. <https://www.mdpi.com/1660-4601/19/1/434>
38. Gutnik, A., & Roth, M. (2018). *Disability and climate change: How climate-related hazards increase vulnerabilities among the most at risk populations and the necessary convergence of inclusive disaster risk reduction and climate change adaptation*. Humanity & Inclusion.
39. World Health Organization, CBM, International Federation of Red Cross and Red Crescent Societies, & International Organization for Migration & United Nations Children's Fund (UNICEF). (2013). *Guidance note on disability and emergency risk management for health*. World Health Organization. https://iris.who.int/handle/10665/90369?search-result=true&query=Guidance+note+on+disability+and+emergency+risk+management+for+health&scope=&rpp=10&sort_by=score&order=desc
40. Brown, D., Chanakira, R. R., Chatiza, K., Dhliwayo, M., Dodman, D., Masiwa, M., Muchadenyika, D., Mugabe, P., & Zvigadza, S. (2012). *Climate change impacts, vulnerability and adaptation in Zimbabwe*. International Institute for Environment and Development.

Autora: Hana Rohan

Agradecimentos: Agradecemos às seguintes pessoas pela sua revisão do documento: Rachel James (Collective Service), Olivia Tulloch (Organização Mundial de Saúde, OMS), Annemarie ter Veen (OMS), Gefra Fulane (Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, FICV), Megan Schmidt Sane (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, IDS), Tabitha Hrynck (IDS), Lars Otto Naess (IDS) e Juliet Bedford (Anthrologica).

Citação sugerida: Rohan, H. (2023). *Preparação de informações e envolvimento da comunidade para o El Niño na região da África Oriental e Austral*. Social Science in Humanitarian Action Platform (SSHAP). www.doi.org/10.19088/SSHAP.2023.031

Publicado pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento: novembro de 2023.

Direitos de autor: © Institute of Development Studies 2023. Este é um documento de acesso aberto distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0), que permite a utilização, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que os autores originais e a fonte sejam creditados e quaisquer modificações ou adaptações sejam indicadas.

Contacto: Se tiver um pedido direto relacionado com o relatório, ferramentas, conhecimentos técnicos adicionais ou análise remota, ou se pretender ser considerado para a rede de consultores, contacte a Social Science in Humanitarian Action Platform, enviando um e-mail para Annie Lowden (a.lowden@ids.ac.uk) ou Juliet Bedford (julietbedford@anthrologica.com).

Sobre a SSHAP: A Social Science in Humanitarian Action (SSHAP) é uma parceria entre o [Instituto de Estudos para o Desenvolvimento](#), [Anthrologica](#), [CRCF Senegal](#), [Gulu University](#), [Le Groupe d'Etudes Sur Les Conflits Et La Sécurité Humaine \(GEC-SH\)](#), [London School of Hygiene and Tropical Medicine](#), [Sierra Leone Urban Research Centre](#), [University of Ibadan](#) e [University of Juba](#). Este trabalho foi apoiado pelo Foreign, Commonwealth & Development Office (FCDO) do Reino Unido e pelo Wellcome 225449/Z/22/Z. As opiniões expressas são as dos autores e não refletem necessariamente as dos financiadores, nem as opiniões ou políticas dos parceiros do projeto.

✉ [@SSHAP_Action](#)

✉ info@socialscience.org

🌐 www.socialscienceinaction.org

📄 [SSHAP newsletter](#)

